

A SOMBRA NA CONSTRUÇÃO ESTÉTICA DA LUZ DO ESPETÁCULO *Histórias de nós*

THE SHADOW IN THE AESTHETIC CONSTRUCTION OF LIGHT IN THE PLAY *Histórias de nós*

316

Welerson Freitas Filho

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ORCID : <https://orcid.org/0000-0003-1569-2882>

DOI : 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID41295

Resumo: O texto apresenta a proposta de iluminação cênica do espetáculo *Histórias de Nós*, da Cia. Traquitana, destacando o uso da sombra como recurso estético-dramatúrgico. Tradicionalmente associada ao negativo, ao obscuro ou ao desconhecido, a sombra é aqui ressignificada e transformada em elemento central de criação. Mais do que efeito visual, assume função poética e simbólica, mediando relações, instaurando tensões e ampliando o campo de significação da cena. No espetáculo, a sombra atua como espaço ambíguo, capaz de sugerir intimidade e conflito, ao mesmo tempo em que despersonaliza e generaliza figuras. Ao retirar as personagens da esfera individual, abre-se espaço para a evocação de experiências coletivas ou arquetípicas. Nesse processo, o espectador é convidado a perceber o entrelaçamento do visível e do invisível, em um jogo constante de duplicação, fragmentação e diluição de presenças. A iluminação se configura, assim, como território de resistência e reinvenção simbólica. Se a luz costuma ser entendida como revelação e clareza, a sombra aparece aqui como potência criativa, capaz de subverter hierarquias e instaurar novas formas de ver e narrar. Essa inversão de valores evidencia o caráter inovador do trabalho, que valoriza a sombra como presença ativa, criadora e transformadora no espaço cênico. Em síntese, o texto mostra como a dramaturgia luminosa de *Histórias de Nós* amplia as possibilidades expressivas do teatro contemporâneo ao reconhecer a sombra não como ausência, mas como elemento vital, capaz de gerar sentidos, tensionar relações e renovar a experiência estética do público.

Palavras-chave: Iluminação Cênica. Sombra. Visualidade. Teatro.

Abstract: This text presents the stage lighting proposal of the play *Histórias de Nós*, by Cia. Traquitana, highlighting the use of shadow as an aesthetic-dramaturgical resource. Traditionally associated with the negative, the obscure, or the unknown, shadow is here re-signified and transformed into a central element of creation. More than a visual effect, it assumes a poetic and symbolic function, mediating relationships, creating tensions, and expanding the field of meaning in the scene. In the play, shadow acts as an ambiguous space, capable of suggesting intimacy and conflict, while depersonalizing and generalizing figures. By removing characters from the individual sphere, space opens for the evocation of collective or archetypal experiences. In this process, the spectator is invited to perceive the intertwining of the visible and the invisible, in a constant play of duplication, fragmentation, and dissolution of presences. Lighting, therefore, is configured as a territory of resistance and symbolic reinvention. If light is usually understood as revelation and clarity, shadow emerges here as a creative force, capable of subverting hierarchies and establishing new ways of seeing and narrating. This inversion of values highlights the innovative character of the work, which values shadow as an active, creative, and transformative presence on stage. In summary, the text shows how the luminous dramaturgy of *Histórias de Nós* expands the expressive possibilities of contemporary theater by recognizing shadow not as absence, but as a vital element, capable of generating meanings, creating tensions, and renewing the audience's aesthetic experience.

Keywords: Stage Lighting. Shadow. Visuality. Theatre.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar e discutir o processo de concepção e execução da iluminação do espetáculo *Histórias de Nós*, realizado pela Cia. Traquitana e estreado em março de 2025. Trata-se de uma obra solo em que o ator Tiago Pimentel conduz o público por um conjunto de relatos baseados em histórias reais e profundamente sensíveis de homens gays, revelando vivências marcadas por afetos, conflitos e superações. A encenação se constrói a partir de narrativas que retratam, com autenticidade e densidade, os desafios e as complexidades das identidades LGBTQIA+, evidenciando tanto suas dimensões íntimas quanto suas implicações sociais e culturais.

O foco da análise aqui apresentada recai sobre a construção da luz, com atenção especial ao uso intencional da sombra como elemento de sugestão e ampliação das possibilidades de leitura da cena. Ao elaborar um projeto de iluminação, é fundamental considerar uma de suas funções primordiais nas artes cênicas: tornar visível. No sentido físico, ver é um ato diretamente dependente da luz. A percepção visual ocorre porque a luz, emitida por uma fonte natural ou artificial, incide sobre os corpos e objetos, sendo então refletida ou difundida em direção aos nossos olhos. Esse processo óptico é mediado pela interação da luz com as superfícies, que podem absorvê-la, dispersá-la ou rebatê-la de modos distintos, influenciando diretamente as cores, texturas e volumes que percebemos. Em cena, portanto, a luz atua como intermediária entre o olhar do espectador e a materialidade do espaço, seja essa materialidade o corpo do ator ou da atriz, seus figurinos, o próprio cenário etc.

Não raro, observa-se entre iluminadores e iluminadoras iniciantes, e, às vezes, também entre profissionais experientes, a busca por uma iluminação que reduza ou elimine completamente as sombras, de modo a tornar visível ao público cada detalhe presente em cena. Essa opção privilegia a clareza e a legibilidade visuais, procurando assegurar que todos os elementos planejados para a encenação estejam plenamente visíveis ao olhar do espectador e da espectadora. Embora tal escolha possa ser pertinente em determinadas propostas cênicas, na maioria dos casos ela decorre de dois fatores principais: o apego do e da profissional à função primordial da luz como recurso de visibilidade, ou a influência, e até mesmo a pressão, de outros integrantes da equipe, como diretor(a), cenógrafo(a), fotógrafo(a), atores e atrizes, que, assim como demais envolvidos na criação, almejam que o resultado de seu trabalho seja integralmente percebido pelo público.

SOBRE A SOMBRA

É importante reconhecer que a iluminação cênica não se limita a garantir a visibilidade, mas desempenha também uma segunda função ligada à visualidade, entendida como a dimensão estética e compositiva da cena. Nesse sentido, a luz atua como elemento estruturante da composição cênica, propondo relações entre formas, volumes, cores e planos, e contribuindo para a construção de atmosferas, ritmos visuais e narrativas não verbais. Dentro desse conjunto de elementos visuais propostos pela luz e que integram a cena, encontra-se a sombra, que pode participar da composição e cuja presença não deve ser simplesmente desconsiderada ou escanteada, como se observa comumente durante momentos de montagem e afinação de luz, quando frequentemente se tenta eliminar as sombras ‘indesejadas’, por exemplo, com ordens como: ‘apaga aquela sombra’ ou ‘muda o refletor para tirar essa sombra’.

Essa tentativa de afastamento/negação da sombra não se restringe ao campo da iluminação cênica, mas está profundamente enraizada na cultura ocidental, onde ela foi frequentemente interpretada como um símbolo negativo, associada à ausência de verdade, de luz e de perfeição. Desde a filosofia clássica, como no Mito da Caverna de Platão, a sombra aparece como metáfora da ignorância, da ilusão e do afastamento do conhecimento verdadeiro. Para Platão, os prisioneiros que confundiam sombras com realidade estavam mergulhados em um estado de engano e limitação, incapazes de acessar a essência das coisas. Essa leitura consolidou a sombra como aquilo que distorce e encobre, funcionando como imagem da incompletude humana diante do ideal de verdade.

Com a consolidação do cristianismo, a carga negativa atribuída à sombra foi intensificada, sendo frequentemente associada ao pecado, à ignorância espiritual e até mesmo à morte. A oposição entre luz divina e escuridão tornou-se um dos eixos centrais da teologia cristã, reforçando a ideia de que a sombra simboliza afastamento de Deus e proximidade do erro e do mal. Passagens bíblicas, como “ainda que eu ande

pelo vale da sombra da morte” (Bíblia, 2015, p. 887) no Salmo 23, reforçam sua ligação com a transitoriedade e a finitude humanas. A ausência de luz passou a ser compreendida como metáfora da incompletude espiritual do homem, que, limitado, apenas vislumbra “sombras” da verdade eterna. De maneira semelhante, na psicologia, Carl Jung, ao desenvolver sua teoria dos arquétipos, concebe que “aquilo que chamamos de sombra é um lado menos perfeito, menos luminoso, que não corresponde aos ideais da perfeição” (Jung, 2015, p. 50). Jung aborda a sombra como a parte da psique que contém aspectos primitivos e instintivos, alinhando-se com a visão cristã ao reconhecer esses elementos como componentes negativos e imperfeitos da psique. Essas reflexões indicam que, na tradição ocidental, a sombra passou a ser vista não apenas como algo que oculta, mas também como um fator que desorienta e ameaça, sendo predominantemente percebida como elemento negativo e subordinado à luz da razão e da espiritualidade.

Apesar da carga negativa historicamente atribuída a ela, a sombra revela-se fundamental em múltiplas dimensões. Na ciência, foi decisiva para avanços da astronomia, da óptica e da física, possibilitando desde a medição da circunferência da Terra por Eratóstenes até a recente captura da “sombra” de um buraco negro (Casati, 2001; Sorensen, 2008). No cotidiano e nas artes, ela é indispensável para a percepção visual, pois fornece informações sobre forma, profundidade, movimento e textura, enriquecendo nossa experiência estética e espacial. Já na psicologia, Jung (2008; 2015) destacou seu papel na construção do autoconhecimento e na integração da personalidade, mostrando que, quando reconhecida e assimilada, a sombra pode impulsionar o crescimento individual e fortalecer as relações humanas. Assim, longe de ser apenas símbolo de engano ou ameaça, a sombra constitui um elemento estruturante do conhecimento, da percepção e da própria constituição subjetiva.

No campo das artes, a sombra pode ser compreendida como um indício, algo que não se oferece de forma imediata, mas que sugere, insinua e abre espaço para múltiplas interpretações. Justamente por não revelar tudo por completo, ela convoca

o espectador a preencher lacunas e a complementar o que vê, exigindo dele uma postura ativa diante da obra. Nesse processo, a sombra manifesta sua natureza polissêmica, sustentando diferentes leituras e ampliando as possibilidades da experiência estética.

Sobre esse aspecto, trata o escritor Junichiro Tanizaki (1993) em seu livro *Em Louvor da Sombra*. Tanizaki reflete sobre a estética tradicional japonesa, contrastando-a com os valores ocidentais. Ele valoriza a sombra, a penumbra e o apagamento como elementos fundamentais da sensibilidade japonesa, em oposição à busca ocidental pela luz intensa, pelo brilho e pela clareza. Para o autor, a beleza não está na exposição completa, mas no que se esconde, no que se insinua e naquilo que só pode ser percebido na obscuridade. O ensaio aborda diversos aspectos do cotidiano, como a arquitetura, os objetos, a culinária, a maquiagem, os banheiros e até a literatura, mostrando como todos esses elementos ganham sentido estético e espiritual justamente quando associados à sombra e à imperfeição. Tanizaki argumenta que o excesso de luz, intensificado pela chegada da luz elétrica no Japão, elimina o mistério e empobrece a experiência estética, ao passo que a penumbra permite contemplar texturas, brilhos sutis e nuances invisíveis em plena claridade.

O aposento japonês é comparável a uma pintura monocromática a *sumi*¹, em que os painéis *shoji*² correspondem à tonalidade mais clara e o nicho *tokonoma*³ à mais escura. Ver um desses nichos num *zashiki*⁴ executado com bom gosto faz-me sempre admirar a capacidade dos japoneses de compreender o mistério das sombras e usar o claro-escuro com propriedade e engenho. Não existe nenhum elemento decorativo especial num nicho. Ou seja, o *tokonoma* é uma reentrância vazia formada de madeira e parede, para onde a claridade é atraída de maneira a criar indistintas manchas sombrias aqui e ali. Ainda assim, quando contemplamos as manchas que se agregam por trás da trave (*otoshigake*), em torno dos recipientes para arranjos florais, ou ainda sob as estreitas prateleiras laterais (*chigaidana*) – simples sombras, nada mais –, temos a forte impressão de que o ar se condensou só ali em agudo silêncio e em desolada

¹ Tinta preta usada em pintura e caligrafia japonesas.

² Painel deslizante de madeira e papel translúcido.

³ Nicho decorativo que pode ser utilizado para exibição de objetos artísticos.

⁴ Ambiente de recepção nas residências tradicionais japonesas, utilizado para acolher visitas ou realizar ocasiões formais.

solidão, imutável, eterna. Penso que a expressão "Oriente misterioso" usada por ocidentais designa esse tipo de sinistra quietude que caracteriza nossas sombras. (...) Onde está a chave desse mistério? Para dizer a verdade, na magia das sombras. Se a sombra originada em recessos e recantos fosse sumariamente banida, o nicho reverteria de imediato à condição de simples espaço vazio (Tanizaki, 2017, p. 34-35).

A partir dessa observação, é possível concluir que, para Tanizaki, a sombra não é mera ausência de luz, mas um elemento ativo na composição estética. Ela confere profundidade, mistério e riqueza sensorial aos espaços e objetos, promovendo uma experiência contemplativa e sensível que valoriza a sutileza e a imperfeição. A sombra, portanto, revela-se como princípio estruturante da percepção estética japonesa, capaz de transformar o ordinário em poético e de envolver o espectador em uma atmosfera de silêncio e reverência.

APLICAÇÕES CÊNICAS DA SOMBRA EM *HISTÓRIAS DE NÓS*

Levando em consideração o potencial estético da sombra, ao estruturar a iluminação do espetáculo *Histórias de Nós*, não se buscou escanteá-la, mas evidenciá-la em cena em favor da dramaturgia proposta. A sombra atua como recurso dramático, reforçando a narrativa, sugerindo sentidos e ampliando a experiência estética do público. Ela contribui para a expressividade da encenação e conecta a teoria da percepção e da estética com a prática cênica, tornando-se elemento estruturante da composição visual e sensorial do espetáculo.

A primeira e talvez mais evidente conexão entre a sombra e a temática do espetáculo reside em sua presença marginal. Historicamente, a sombra tem sido interpretada no ocidente como um fenômeno negativo, relegado às bordas do campo de visão, enquanto a luz concentra-se sobre o centro, destacando aquilo que se considera 'relevante' ou 'legítimo'. Esse deslocamento não é apenas físico, mas simbólico, refletindo valores culturais que hierarquizam visibilidade, poder e normatividade. De maneira análoga, a população LGBTQIA+ também foi historicamente empurrada para os cantos da sociedade, marginalizada e

invisibilizada em diferentes esferas de convivência social. Ainda que conquistas recentes tenham promovido maior reconhecimento e visibilidade desses grupos, o caminho para a plena efetivação de direitos, respeito e inclusão permanece incompleto, e muitas formas de exclusão e violência persistem. Nesse contexto, a sombra torna-se metáfora potente: ela não apenas representa a marginalidade, mas também evidencia a tensão entre presença e invisibilidade, entre o que é silenciado e o que resiste. Ao incorporar a sombra na construção cênica do espetáculo, a encenação sugere que aquilo que está à margem não é simplesmente ausência ou negação, mas reserva de sentidos, memória e potência. Assim, tal deslocamento simbólico utilizado no espetáculo busca que o espectador perceba a marginalidade não como fragilidade, mas como espaço de resistência, complexidade e subjetividade.

Logo na entrada do espetáculo *Histórias de Nós*, o público é imediatamente confrontado com uma presença enigmática: uma figura que veste máscara preta de cervo, luvas com unhas postiças, corselete, sunga e sapatos de salto alto, todos rigorosamente na cor preta (Fig. 1). Essa composição de elementos não se apresenta como mera caracterização, mas como um gesto de construção simbólica que articula animalidade, erotismo, artificialidade e estranhamento. A figura movimenta-se sobre cubos que, dispostos em sequência, formam uma escada, desenhando uma partitura corporal que alterna tensão e fluidez. Aqui, delineia-se a primeira aparição da sombra enquanto recurso compositivo. A presença é iluminada por refletores à pino e laterais, todos posicionados em plano alto. A luz recorta partes do corpo e evidencia sua silhueta, deixando entrever alguns detalhes, mas mantendo outros em penumbra. Essa escolha estética faz da sombra não um simples resíduo da iluminação, mas um dispositivo que instiga o olhar: o espectador é convidado a decifrar o que permanece oculto, a completar com a imaginação aquilo que não se revela por inteiro.

A atmosfera criada para a cena remete diretamente ao ambiente comumente encontrado em baladas LGBTQIA+, onde a escuridão, os flashes de luz e os corpos em movimento compõem um espaço de desejo, fantasia e performance identitária.

Encoberta por sombras, essa presença híbrida provoca uma tensão entre visibilidade e ocultamento, entre o que se mostra e o que se esconde. Nesse jogo, a figura não apenas seduz, mas também convoca espectadoras e espectadores a se implicarem na cena, projetando nela seus próprios desejos, medos ou idealizações. Mais do que introdução estética, essa abertura estabelece um programa dramático: a sombra surge como metáfora de corpos e existências que não se deixam capturar em totalidade, que escapam às normatividades e que encontram na penumbra não fragilidade, mas potência de reinvenção.

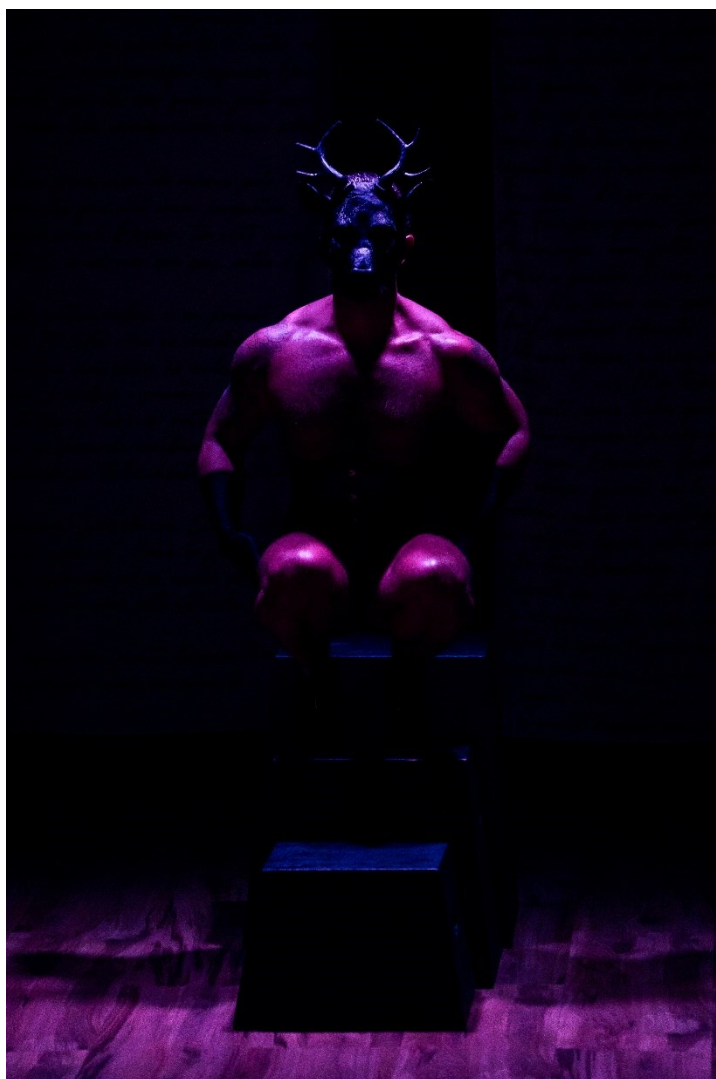


Figura 1. Prólogo do espetáculo Histórias de Nós. *Uma presença*. Foto: Mauro Marques, 2025. Fonte: Acervo Cia. Traquitana.

Durante o espetáculo são apresentadas sete histórias inspiradas em fatos reais, nas quais o ator Tiago Pimentel interpreta não apenas os protagonistas, mas também as demais personagens que atravessam cada narrativa. Na maioria das histórias, os personagens centrais são homens gays que, em suas interações com outras personagens, vivenciam situações de estigmatização e de definição por senso comum. Em uma das cenas, por exemplo, a empregada doméstica Odete encontra no bolso da calça de seu patrão, Diego, um bilhete com o nome e o telefone de outro homem. A descoberta desencadeia uma reação ambígua, misto de aceitação afetiva e de naturalização estereotipada:

Eu achei um bilhetinho. No bolso do seu Diego. Não falei nada. Fiz a sonsa. Não vou intrometer. Tinha um número de telefone. E um coraçãozinho. Pensei: hummm. Aí que eu vi. O nome de um moço. Hummm. Gente, então o seu Diego gosta de homi. Eu já sabia. Sempre soube. Mas não falei nada. Fiz sonsa. Mas por que ele não me falou antes? Eu adoro *as gay*! Tenho até um sobrinho que... Gente, vou apresentar o seu Diego pro meu sobrinho! (Pereira, 2025, Cena 1).



Figura 2. Cena 1 do espetáculo Histórias de Nós. *Odete*. Foto: Mauro Marques, 2025. Fonte: Acervo Cia. Traquitana.

Em outra cena, os pais de Augusto reagem ao momento em que ele se assume gay apenas por meio de gestos, como colocar a mão na cabeça em sinal de desespero ou fazer o sinal da cruz. Para representar *Odete* (Fig. 2), os pais de Augusto e outras personagens presentes no espetáculo, optou-se pelo uso da contraluz, mantendo seus rostos em sombra. Esse recurso os despersonaliza e, ao mesmo tempo, os generaliza, sugerindo que tais atitudes ultrapassam a figura dos pais de Augusto e remetem a um padrão recorrente no senso comum. A sombra na face, ao ocultar a individualidade, convida o público a completar essas figuras com suas próprias referências: familiares, conhecidos ou situações do cotidiano em que atitudes semelhantes de repressão já foram presenciadas.

Outro uso expressivo da sombra ocorre ainda na narrativa de Augusto, quando, após se envolver com um colega de trabalho, ele passa a ser vítima de perseguição.

Nessa cena, os encontros entre Augusto e o colega, que posteriormente se revela um *stalker*, acontecem atrás de uma das pernas laterais do cenário, fora da visão direta do público. Uma contraluz baixa projeta a sombra de Tiago sobre essa perna, criando um jogo de silhuetas. Inicialmente, a iluminação é marcada por um tom fúcsia, evocando a atmosfera de um encontro carregado de desejo e intensidade; com o avanço da narrativa, esse tom vai se avermelhando gradualmente, sinalizando a transformação da relação em ameaça e violência (Fig 3).

A presença da sombra nessa cena, nesse caso a sombra projetada, sugere, em um primeiro momento, um encontro reservado, um espaço de intimidade construído à margem da visibilidade. O fato de os personagens surgirem apenas como silhuetas confere ao gesto amoroso um caráter de segredo, reforçando a ideia de que a descoberta de si, para Augusto, se dá em um território protegido da exposição direta. A sombra, nesse contexto, opera como metáfora do privado, do não-dito, daquilo que se vive em silêncio. No entanto, à medida que a narrativa avança, esse mesmo recurso se converte em instrumento de estranhamento: a silhueta que antes acolhia passa a carregar uma dimensão ameaçadora. A sombra do *affair*, agora *stalker*, por meio da movimentação de Tiago em relação a fonte luminosa e a superfície de projeção que antepara a sombra, adquire distorções no contorno, alongamentos inesperados insinuando a transformação do colega em perseguidor. A sombra, que antes traduzia cumplicidade e descoberta, passa a evocar vigilância e aprisionamento, tornando visível, pela deformação e pelo excesso, a passagem do encontro íntimo à perseguição sufocante.

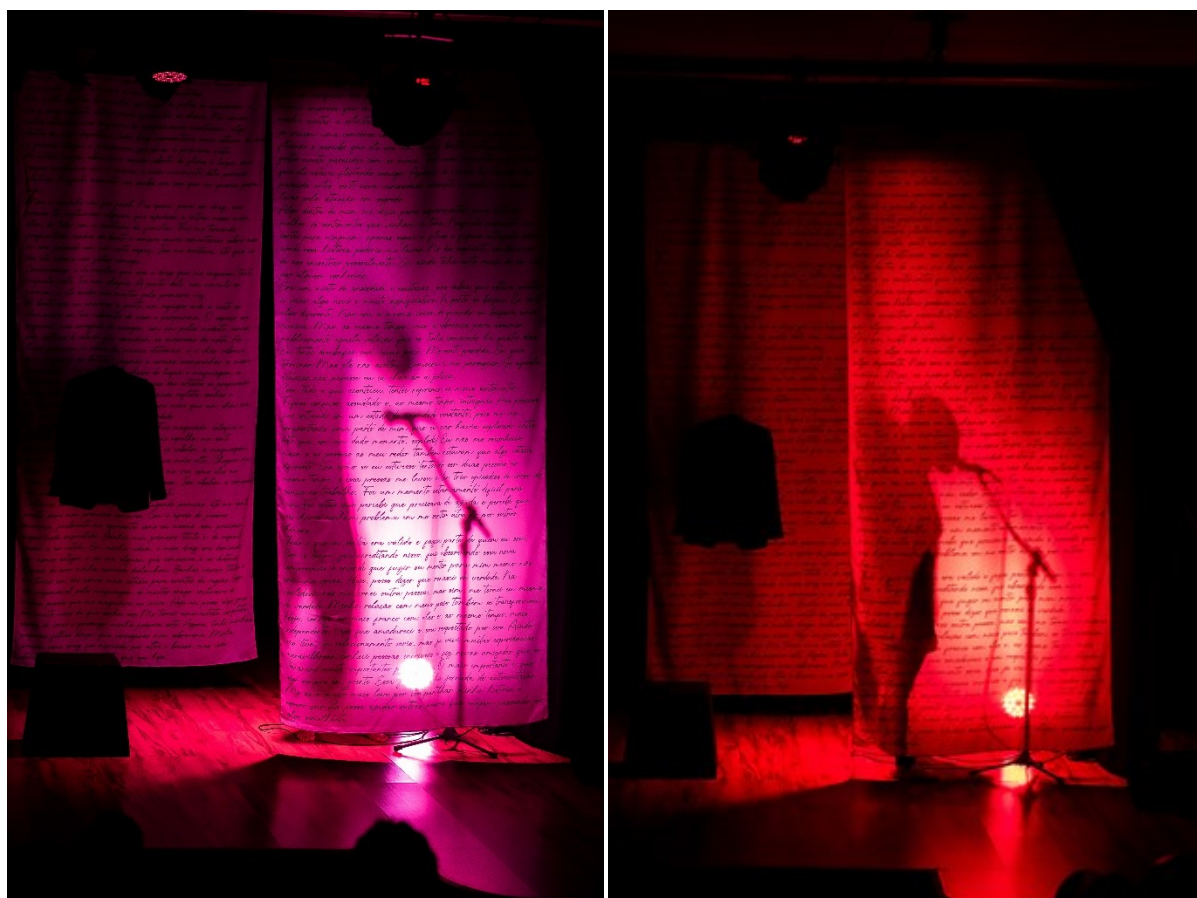


Figura 3. Cena 2 do espetáculo *Histórias de Nós*. *A esquerda os primeiros encontros entre Augusto e seu affair. A direita a perseguição*. Foto: Mauro Marques, 2025. Fonte: Acervo Cia. Traquitana.

No espetáculo *Histórias de Nós*, a sombra não atua como mero subproduto da iluminação, mas como dispositivo dramático essencial. Em suas diferentes funções, desde a construção da marginalidade simbólica até a representação do íntimo e da ameaça, a sombra permite múltiplas leituras, confere camadas de significação às cenas e intensifica a experiência sensorial do público. Ao projetar desejos, medos e tensões, ela se torna protagonista silenciosa, estabelecendo uma ponte entre estética, narrativa e reflexão social, evidenciando como a manipulação de luz e sombra pode ampliar os sentidos e a potência de uma encenação na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar o processo de concepção e execução da iluminação em *Histórias de Nós* fica evidenciado que a luz cênica vai muito além de sua função de tornar visível. Ao trabalhar de maneira intencional a sombra, o espetáculo demonstra como a manipulação luminosa pode ampliar a expressividade dramática e intensificar a experiência sensorial do público, permitindo que a narrativa se desdobre em múltiplos níveis de leitura. A sombra, em suas diversas aplicações, desde a criação de atmosferas e a sugestão de intimidade até a projeção de tensões, ameaças ou marginalidades simbólicas, revela-se protagonista silenciosa, capaz de engajar o espectador em uma postura ativa de interpretação, preenchendo lacunas e completando gestos, corpos e relações, ou ainda convidando o público a fazê-lo.

O caráter dúbio da sombra, evidenciado especialmente na última cena do espetáculo, reforça sua riqueza cênica: ao mesmo tempo que acolhe e protege, ela pode ameaçar e desestabilizar, tornando visível o íntimo e o oculto, a potência e a vulnerabilidade. Essa ambivalência permite que a sombra funcione como metáfora da complexidade da experiência LGBTQIA+, simbolizando simultaneamente resistência, desejo, silenciamento e vigilância. Ao explorar esses contrastes, a encenação evidencia como a sombra não é um simples subproduto da luz, mas um elemento estruturante da dramaturgia, capaz de conectar estética, narrativa e reflexão social.

Dessa forma, *Histórias de Nós* demonstra que a iluminação, quando compreendida de forma criativa e sensível, transforma-se em dispositivo narrativo e estético, capaz de revelar múltiplas camadas de sentido e de potencializar a compreensão do público sobre as experiências representadas. A sombra, longe de ser mera ausência, torna-se espaço de ambiguidade, de interpretação e de potência expressiva, consolidando seu papel central na construção de uma encenação contemporânea que valoriza a sensibilidade, a subjetividade e a complexidade humana.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. A Bíblia Sagrada, contendo o velho e o novo testamento. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015. 1929 p.

CASATI, Roberto. A descoberta da sombra: de Platão a Galileu – a história de um enigma que fascinou as grandes mentes da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 319 p.

JUNG, Carl. Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.

JUNG, Carl. AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 2008. 439 p.

SORENSEN, Roy. Seeing dark things: the philosophy of shadows. New York: Oxford University Press, 2008. 310 p.

TANIZAKI, Junichiro. Em louvor da sombra. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 66 p.

PEREIRA, Tiago Henrique Pimentel. Histórias de Nós. Direção de Cássio Machado, Cia Traquitana, 2025, Uberlândia/MG.